

PLATÃO E A IMORTALIDADE DA ALMA

FAGUNDES, Luís Isaiás Vargas ¹

RU 1178259

BONFIM, Lucília M.G.A.²

RESUMO

Este artigo faz uma análise os fundamentos filosóficos de Platão sobre a imortalidade da alma. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica utilizando os materiais impressos já existentes sobre o tema para um maior entendimento da escrita. Apresentam-se teorias sobre o tema, demonstrando-se a importância da imortalidade da alma para o conhecimento filosófico. A influência do platonismo é, certamente, a mais relevante que se efetivou sobre o conceito tradicional do indivíduo, e ainda, atualmente o reflexo do indivíduo na civilização retrata duradouras características platônicas. A antropologia platônica pode ser conceituada um apanhado no qual se embasam os princípios pré-socráticos do relacionamento dos indivíduos com o *kósmos*, os princípios sofisticos do indivíduo como ser de cultura (*paideia*) designado à vida política, e o legado predominante de Sócrates do “homem interior” e da “alma” (*psyché*). Diversos pesquisadores observam na concepção platônica do indivíduo um recuo na trajetória da antropologia, no momento em que o pensamento principal dos Sofistas, da criatividade como distinção primordial da atividade do indivíduo, parece restrita pela subordinação ao padrão perfeito conforme a teoria das Ideias, e a integridade antropológica é envolvida pelo dualismo alma-corpo (*sômapsyché*) defendido principalmente pelo “Fédon”. É essencial não esquecer que as ideias platônicas tiveram uma influência efetiva na definição e na evolução da filosofia, da cultura, da civilização e do indivíduo mesmo do Ocidente europeu. Localizados no Brasil no começo do século XXI, permanece-se necessitando refletir a respeito de Platão quando se tenta referir expressivamente sobre o indivíduo.

Palavras-chave: Platão. Sócrates. Imortalidade. Alma.

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o tema “Platão e a Imortalidade da Alma”. Possui como objetivo analisar os fundamentos filosóficos de Platão sobre a imortalidade da alma.

A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica baseada em artigos e livros, editados sobre o assunto em questão.

¹ Aluno do Curso de Licenciatura em Filosofia do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. 2015/02.

² Professora Orientadora no Centro Universitário Internacional UNINTER.

Traz como problema: Qual a importância da concepção platônica de imortalidade da alma para o conhecimento filosófico?

A escolha do tema justifica-se pela fundamental importância para o conhecimento filosófico, ou seja, a busca do homem de algo além do mundo físico, algo extra físico, que sobrevive a morte do corpo.

O filósofo Platão referia-se a dois mundos o mundo das ideias e o mundo sensível, sendo que àquele é mais perfeito que este. Sendo que a alma já habitava o mundo das ideias antes de viver no mundo sensível, portanto já existia.

Essa dualidade corpo e alma fazem parte do discurso platônico de forma redundante, sendo que a alma é sem dúvida a mais importante para o referido filósofo.

A imortalidade é uma busca incessante por parte de toda a humanidade, o pensar que após a morte existe algo ou alguma coisa além do nada, do vazio. E nada melhor que a alma esta essência que dá movimento e ânimo ao corpo físico, ser a sobrevivente, ser imortal.

Sendo este tema tão abrangente e tão debatido por muitos filósofos que corroboram com a dualidade platônica de corpo e alma, sendo o corpo matéria e, portanto, sendo passível de decomposição, transformação, só nos resta procurar fundamento na alma, este sopro, hálito divino, princípio inteligente, intangível para a sobrevivência extrafísica e, portanto, vencer a morte e caracterizar-se por isso de imortal.

Relembrando Sócrates o filósofo passa a viver para morrer, se viver uma vida virtuosa, ele apenas passará desse plano para o outro e gozará das dádivas do homem virtuoso.

O "Fédon" é um diálogo considerado como equilíbrio platônico. Ele consiste num dos quatro diálogos de Platão que dizem respeito à condenação de Sócrates, os outros três são Críton, Eutífron e Apologia de Sócrates. Nele apresenta-se a última conversa que Sócrates manteve com seus discípulos. Sócrates havia sido acusado de corromper a juventude e fora condenado à pena de morte.

Conforme a tradição grega, os condenados à morte deveriam tomar a cicuta, veneno que, pouco a pouco, vai paralisando todas as funções do corpo até a morte do indivíduo. Este diálogo, em particular, é a descrição que "Fédon" faz a Equécrates, relatando como e o que acontece no último dia de vida de Sócrates. Fédon passa então a contar como se encontrava Sócrates, narrando

minuciosamente a última conversa que o mestre manteve com seus discípulos Cebes e Sírias.

No “Fédon”, o entendimento dessa existência una é que ocorre em níveis específicos: no nível sensível e no nível inteligível. No nível de entendimento sensível, os sentidos apenas são capacitados e aprendem a realidade em um nível inferior, isto devido sua essência necessitada de perfeição. No nível inteligível o pensamento retratado em si mesmo possui a habilidade de perceber o que é verdadeiro.

Isso apenas acontece quando a alma tem por instrumento o que é real, o que nunca modifica e o que não está passível ao devir; possuindo essas coisas por objeto de conhecimento a alma, uma essência honesta e sublime.

FUNDAMENTAÇÃO FILOSÓFICA DE PLATÃO SOBRE A IMORTALIDADE DA ALMA

A questão da imortalidade da alma é um assunto que é discutido por muitos filósofos, alguns até mesmo antes de Platão e é um tema que perfaz a linha do tempo e continua como um grande enigma para humanidade. Pergunta-se se de fato a alma existe? Esse ser se existe é independente do corpo, ou seja, sobrevive a morte, deterioração do mesmo? O corpo sem a alma, possui inteligência, ou é espírito que dá inteligência a este corpo ou matéria?

Estas e outras questões deixam margem para um longo e agradável debate que apesar de alguns materialistas a terem como empiricamente e cientificamente impossíveis, ou seja, a sobrevivência do homem a morte através de sua alma ou espírito, tornando-se assim imortal.

Conforme Marinho Neto (2003):

A questão da existência ou não da alma sempre representou angústias para o homem ocidental; angústias iguais a que povoavam as mentes dos gregos na antiga terra do Deus Apolo, quando, na escura noite dos primeiros conhecimentos, questionaram, sem o amparo das crenças, porém em espanto, o Kósmos, a vida, a morte, após vida e a alma (MARINHO NETO, 2003, p. 14).

Mas não há de se negar algumas evidências a respeito da suposta imortalidade da alma, através da teoria das reminiscências e das ideias inatas.

Como explicar a aptidão de algumas pessoas em tenra idade a música, as artes, sem nunca terem tido contato ou aprendizado destas.

Para alguns basta apenas algumas orientações e direcionamentos para que em bem pouco tempo já dominem as lides e ciência de determinados assuntos e afazeres muitas vezes de grande complexidade.

Segundo, ainda Marinho Neto (2003):

Assim, a prova da existência da alma, ser metafísico por excelência, é um dos objetivos indeclináveis do filósofo. A prova da imortalidade da alma é a rendição incondicional e esta busca filosófica se concentra no estudo do mundo dos seres incorruptíveis, iguais em essência, a ela (alma) (MARINHO NETO, 2003, p. 18).

Isto, posto, é sabido que estamos diante de uma problemática de grande vulto e que está longe ainda de ser aceito no meio acadêmico como uma verdade pronta e acabada, mas que possui um grande lastro filosófico que é possível discorrer de forma a buscar algumas soluções e conclusões de maneira ordenada e coerente.

Ao se referir a Platão seu relacionamento mais aproximado é com o mestre Sócrates. Sócrates foi indiciado por corromper a juventude e conceber novos deuses para a cidade (promovendo pensamentos opostos à religião tradicional), porém, isso não constituiu entrave para Platão deixar de descrever e refletir sobre as teorias socráticas. Em suas composições a personalidade principal é Sócrates. A arbitrariedade imposta ao seu mestre influencia suas obras, principalmente, as da época inicial de sua criação literária denominada como período socrático.

A datar do antigo mundo Grego até os dias de hoje permanece o desafio na procura de respostas frente à indagação a respeito da realidade ou não da finitude da alma do indivíduo e a infinitude do Universo e da alma do indivíduo retratada no “Fédon”, Diálogo de Platão (redigido aproximadamente em 335/388 a.C.), entende que o diálogo se fundamenta em acontecimento verdadeiro: o dia da morte de Sócrates, o que presume um sentido misterioso.

A ideia de imortalidade da alma em Platão tem como estudo e seu maior referencial a sua obra “Fédon” - A imortalidade da alma, onde através de diálogo de seu personagem principal, ou seja, Sócrates. Platão fundamenta através da maiêutica socrática o seu entendimento sobre a imortalidade da alma.

Tal concepção também tem fundamentação nas obras Mênon e Fedro, do mesmo autor, onde existe algumas afirmativas sobre o seu discurso filosófico sobre a imortalidade da alma.

De acordo com Simões (2015):

A investigação mais detalhada dessas questões será realizada em Fédon, obra dedicada a examinar a imortalidade da alma, sendo o posicionamento platônico sumamente importante: a alma é correlata ao mundo das ideias, não está submetida ao fluxo ininterrupto do mundo material e subsiste à decomposição do corpo (SIMÕES, 2015, p. 83).

No que se refere à origem do pensamento da imortalidade da alma, esta convicção vem da filosofia grega, admitida principalmente por dois filósofos gregos: Platão e Sócrates. Platão, apesar de não ser o primeiro a sustentar a doutrina da imortalidade da alma, ele foi drasticamente o mais significativo.

Para tal é preciso recordar a importância que possui para a antropologia a conhecida diferenciação platônica entre ideia e coisa.

As coisas concernem ao mundo sensível, singularizado como mutável, temporal, velho, descaído com facilidade para o utópico. Já as ideias fazem parte de outro mundo, o da existência divina, eterna e imutável. A autêntica realidade encontra-se exclusivamente além das expressões sensíveis, no mundo das ideias.

“As coisas do mundo material não passam de cópias muito imperfeitas deste mundo real. Certamente existe uma relação entre as coisas e as ideias: estas são os arquétipos imitados por aquelas. As coisas, assim, nos remetem ao mundo das ideias” (PESSANHA, 1994, p. 56).

Os dois mundos estão presentes no indivíduo: na alma (mundo das ideias) e no corpo (mundo das coisas). O corpo, como coisa que é, manifesta imperfeitamente de uma ideia, à medida que a alma faz parte ao mundo eterno e divino das ideias. É frente à alma que o indivíduo contribui, de forma superior e mais intensa, do mundo das ideias.

Diante a alma humana, o indivíduo teria concebido as ideias, numa existência precedente:

A alma, incorruptível e imortal, preexistente ao corpo, perde, uma vez encarnada, o contato direto com o mundo das ideias, mas no encontro perceptivo com as coisas, imitações e participações das ideias, ela vai lembrando (reminiscência: anamnese) o conhecimento anterior das ideias (REALE, 1993, p. 64).

Alma e corpo devem ser discutidos individualmente, visto que fazem parte de dois mundos tão diversificados. Porém, no indivíduo real é preciso associá-los. Mas como? No "Fédon", a associação é demonstrada de modo extremamente negativo: a alma está aprisionada ao corpo e aos sentidos: o corpo é restrição da alma; o sábio, isto é, o verdadeiro filósofo, almeja a morte para se libertar do corpo.

O que Platão achava sobre a alma? Platão era discípulo de outro filósofo grego, chamado Sócrates. A obra de Platão "Fédon" é uma conversa em que descreve a morte de Sócrates. O diálogo ocorre no último dia de vida de Sócrates, que seria executado, tomando cicuta. Um dos assuntos principais no Fédon é o pensamento da alma ser "imortal". Considera-se "Fédon" uma obra que apresenta a crença de dois ilustres filósofos gregos sobre o assunto.

Ora examinemos a questão por este lado: é em suma, no Hades que estão as almas dos defuntos, ou não? Pois, conforme diz uma antiga tradição nossa conhecida, lá se encontram as almas dos que se foram daqui, e elas novamente, insisto, para cá voltam e renascem dos mortos. E se assim é, se dos mortos nascem os vivos, que podemos admitir senão que nossas almas devem estar mesmo lá? Sem dúvida, não poderia haver novo nascimento para as almas que já não tivessem existência bastaria tornar manifesto que os vivos não nascem senão dos mortos (PLATÃO, 1972, p. 79).

Dois trechos são destacados do "Fédon". O primeiro: "Sonhara ainda que o dormir nasce da vigília e a vigília do dormir" (VOLTAIRE, 1972, p. 637); é extraído da reflexão sobre os contrários em que Sócrates argumenta que a vida é o contrário da morte, do mesmo modo como a vigília é o oposto do sono, e que um decorre do outro:

- Por conseguinte, que deveremos dizer? – Continuou Sócrates.
- Acaso "viver" não possui um contrário, assim como "estar acordado" tem por contrário "estar dormindo"?
- É absolutamente necessário que tenha.
- Qual é?
- "Estar morto"
- Não é verdade que esses estados se engendram um ao outro, já que são contrários, e também que a geração entre um e o outro é dupla, já que são dois?
- Assim é! (PLATÃO, 1972, p. 80).

O segundo: "que se perde infalivelmente a vista contemplando um eclipse, a não ser numa bacia de água" (VOLTAIRE, 1972, p. 637); da meditação de Sócrates que, depois de falar muito a respeito da geração e corrupção dos seres, tem receio

de que estes questionamentos enfraqueçam sua alma, assim como quem se torna cego por estudar eclipses observando diretamente o sol, sem tomar o cuidado de olhá-lo refletido.

- Então – prosseguiu Sócrates – minha esperança de chegar a conhecer os seres começava a esvair-se. Pareceu que deveria acautelar-me, a fim de não vir a ter a mesma sorte daqueles que observam e estudam um eclipse do sol. Algumas pessoas que assim fazem estragam os olhos por não tomarem a precaução de observar a imagem do sol refletida na água ou em matéria semelhante (PLATÃO, 1972, p. 112).

Estes episódios servem tanto para Platão quanto para Voltaire como modelos da restrita situação do indivíduo, que foi partido ao meio. Dessa maneira, o indivíduo sempre será incompleto, está aprisionado em um mundo de opostos e viver é aguardar pelo seu oposto, a morte; e também seus sentidos são limitados e delicados, reduzindo o alcance do seu conhecimento.

Para Marinho Neto (2003, p. 25):

A assertiva de que os opostos (vida/morte) são excludentes resulta da afirmação de que a morte é antagônica à vida, ou seja, onde está a morte não está a vida, e, por via de consequência, quando há vida não existe a morte, no caso, referimos ao mesmo ser, o que não implica em dizer que a morte de um resulta na morte de todos. Por exemplo, se é certo que Sócrates está morto, quem escreve este trabalho, neste momento, está vivo, o mesmo implica a quem lê este trabalho.

No “Fédon”, Sócrates esclarece a Cebes a sua ideologia da imortalidade da alma: “tenho muita esperança de, por esse modo, explicar-te a causa e chegar a provar que a alma é imortal” (PLATÃO, 1972, p. 113).

Sócrates justifica sobre a ideologia dos opostos num trecho que inicia com o questionamento: “Cabe-te agora a vez de dizer outro tanto a respeito da vida e da morte. Não dirás de início, que, viver tem por contrário, estar morto? ” (PLATÃO, 1972, p. 80).

Estrutura a partir daí uma sucessão de questionamentos e respostas que terminam na proposição:

- Há, pois, acordo entre nós ainda neste ponto: os vivos não provêm menos dos mortos que os mortos dos vivos. Ora, assim sendo, haveria aí, parece, uma prova suficiente de que as almas dos mortos estão necessariamente em alguma parte, e que é de lá que voltam para a vida (PLATÃO, 1972, p. 81).

A próxima argumentação feita por Sócrates é a da reminiscência. Nesta argumentação, Sócrates explica que o saber do indivíduo não é propriamente outra coisa senão reminiscência, visto que, se aprende em épocas anteriores àquilo que atualmente se recorda. Isso não seria viável se a alma do indivíduo não estivesse em determinado lugar antes de tomar pela descendência este preceito humano.

Adquire-se anteriormente ao nascimento o conhecimento do Belo em si, do Bom em si, do Justo em si, do Santo em si, etc. Dessa forma, antes de nascer, a alma do indivíduo já apreciou as formas primorosas no mundo inteligível. Aprender constitui-se em resgatar o conhecimento que já possuía. É um recordar-se, visto que, o conhecimento do indivíduo simplesmente é reminiscência do saber visto previamente.

Aprender, diz ele, não é outra coisa senão recordar. Se esse argumento é de fato verdadeiro, não há dúvida que, numa época anterior, tenhamos aprendido aquilo de que no presente nos recordamos. Ora, tal não poderia acontecer se nossa alma não existisse em algum lugar antes de assumir, pela geração, a forma humana. Por conseguinte, ainda por esta razão é verossímil que a alma seja imortal (PLATÃO, 1972, p. 82).

A compreensão sensível dos objetos materiais motiva a alma à lembrança das coisas admiradas no mundo inteligível. Isto é, quando os indivíduos ou almas convivem com as formas da natureza, pouco a pouco uma remota recordação vai surgindo dentro de sua alma.

A alma passa, assim, por uma lembrança das coisas vistas na sua real habitação. O que se vê no mundo dos sentidos são somente sombras (reflexos) da veracidade do mundo das ideias. Sócrates julga todos os fenômenos da natureza simples imagem das formas eternas, ou pensamentos.

Marinho Neto (2003) diz que:

A Alma, assim tenta provar Platão no diálogo, seria um ser imortal, detentor de inteligência e movimento. É esta afirmação: ser a alma um ente imortal, é que dá a Sócrates no Fédon conforto no momento da morte, pois, lhe é acenado, pelo logos, a possibilidade de uma existência bem aventurada no pós vida. Porém, isto será disponível apenas para a alma que, até o fim do tempo do corpo, foi pura e temperante e que persistiu no caminho da Virtude e da Bondade, o que, para Sócrates, é a prática da filosofia. A alma que buscou a contemplação da Virtude em si (MARINHO NETO, 2003, p. 23-24).

E, considerando a morte o oposto da vida, em razão da convicção já determinada, a alma, que possui como marca primordial a vida, não poderá fundamentalmente abrigar em si a morte, será imortal.

O princípio dos opostos que exclui não vem para confirmar a existência da alma racional, particularíssima e individual; para manifestar esta circunstância, o argumento pede emprestado, com o propósito de complemento, a Teoria da Reminiscência. Esta realmente, tentar comprovar a existência da alma racional e individualíssima, e para tal recorda-se de seu maior recurso. O argumento dos opostos que não incluem vem confirmar um estado de variação que se percebe com os sentidos ou se acata com a razão. A potência do conjunto dos argumentos no “Fédon” é que ampara a dúvida de ser a alma não mortal, e que esta prenuncia e preexiste o corpo, não sendo extinta com este, nem somente nasce nova a cada encarnação, porém resiste por todo o período, como ser singular e individual.

Conforme Marinho Neto (2003):

Replicando a afirmação de Sócrates de que a alma está destinada a percorrer um círculo de encarnações, “o renascer, a geração dos vivos a partir dos mortos, a sobrevivência das almas dos que morreram”, Cebes relembra a Sócrates a doutrina da Reminiscência, que fornece ao Diálogo mais uma prova de que a alma existiria antes do nascimento e que sobrevive a passagem para a morte (MARINHO NETO, 2003, p. 40).

A comprovação dos contrários está, no diálogo, articulada à comprovação da reminiscência, como componente inseparável, isto é, a teoria dos contrários e a teoria da reminiscência, constituem-se em meias partes de um mesmo resultado, que a alma é imortal e possui em si o *logos*, acontecimento que será recordado por Sócrates.

A comprovação dos opostos inicia com uma súplica de Sócrates a uma antiga doutrina, órfica e pitagórica, que cita: “as almas que daqui partem, aqui regressam de novo, renascendo dos mortos. Ora, se regressam, regressam de algum lugar” (PLATÃO, 1972, p. 83).

Segundo Marinho Neto (2003):

Observando os diálogos Fédon, Mênon e Fedro, haveremos de entender que existe uma correlação de dependência, entre o efeito do lembrar e o processo de aquisição do conhecimento. Para Platão, lembrar é um reconhecer, ou seja, rever aquilo que já foi visto, e que estava adormecido, em esquecimento, em nossa alma. A Alma, como ser eterno, teve, quando

ausente do corpo, o conhecimento das Formas e assim, entre estas, vislumbrou o Conhecimento-em-Si (MARINHO NETO, 2003, p. 42).

Desta afirmação se conclui, seguindo a linha de raciocínio advogada por Platão, que não seria o conhecimento algo a ser adquirido, ou seja, de alguma forma objeto de aquisição a partir do nada, mas um processo de entendimento e aceitação do que já existia e estava oculto, sendo a vida uma marcha contínua para o relembrar.

De acordo com Marinho Neto (2003):

No Diálogo Mênon, surge à questão, a ser rebatida por Sócrates, fundamentada na pergunta: o que seria virtude? Sócrates afirma que não a conhece, então, soam as perguntas ao leitor: como procurar aquilo que não se conhece? Como conhecer aquilo que não se sabe? Como saber que o que se encontra é aquilo que não se conhece? Alguém pode dizer “isso não me é desconhecido, mas isto que se diz desconhecido pode ter sido conhecido por outra pessoa, que não conhece aquele que diz que desconhece”. A resposta é: aquilo que não se conhece, não se sabe; e aquilo que se sabe, já foi conhecido; e aquilo que foi conhecido, sempre existiu e agora é relembrado; e, se é relembrado, é relembrado por aquilo que sempre existiu; então, aquilo que relembra também sempre existiu; quem relembra é a alma, que viu o que é lembrado, e é imortal; portanto a alma é imortal e o conhecimento é lembrança do que é imortal (MARINHO NETO, 2003, p. 42-43).

O referido autor, ainda insere a concepção da divisão de corpo e alma no instante do diálogo com Sírmias a respeito da maneira que se aprende ou lembra-se das coisas, diz ele: “As almas, Sírmias, existiam, por conseguinte, antes de sua existência numa forma humana, separadas dos corpos e dotadas de pensamento” (MARINHO NETO, 2003, p. 44). Sócrates deduz: “Não há acaso igual necessidade de existência, tanto para esse mundo ideal, como também para nossas almas, mesmo antes de termos nascido, e a não existência do primeiro não implica a não existência do segundo?” (MARINHO NETO, 2003, p. 45).

- Vale então dizer que os homens se recordam daquilo que aprenderam num tempo passado? – Necessariamente. – E que tempo foi esse em que nossas almas adquiriram saber a cerca desses seres? Seguramente, não havia de ser a datar de nosso nascimento humano? - Seguramente que não! – Seria, pois, anteriormente? – Sim. – As almas, Sírmias, existiam, por conseguinte, antes de sua existência numa forma humana, separadas dos corpos e dotadas de pensamento? (PLATÃO, 1972, p. 86).

A alma se parece ao que é divino e o corpo ao que é mortal. Platão (1972, p. 87) conceitua a alma: “a alma se assemelha ao que é divino, imortal, dotado de

capacidade de pensar, ao que tem uma forma única, ao que é indissolúvel e possui sempre do mesmo modo identidade”. E também conceitua o corpo: “o corpo equipara-se ao que é humano, mortal, multiforme, desprovido de inteligência, ao que está sujeito a decompor-se, ao que jamais permanece idêntico. Neste sentido o autor institui a dissolução e separação de corpo e alma” (PLATÃO, 1972, p. 87).

- Bem; examina agora, portanto, Cebes, se tudo o que foi dito nos conduz efetivamente às seguintes conclusões: a alma se assemelha ao que é divino, imortal, dotado da capacidade de pensar, ao que tem uma forma única, ao que é indissolúvel e possui sempre do mesmo modo identidade: o corpo, pelo contrário, equipara-se ao que é humano, mortal, multiforme, desprovido de inteligência, ao que está sujeito a decompor-se, ao que jamais permanece idêntico. (PLATÃO, 1972, p. 90).

O “Fédon” é certamente uma das obras mais famosas de Platão. Fédon é o nome de um jovem pertencente a uma família aristocrática que desde cedo se dedicou a filosofia e transformou-se discípulo de Platão. Neste diálogo, Fédon descreve a última conversa de Sócrates, visivelmente construído pelo filósofo grego, e tinha como assunto principal a imortalidade da alma. O que ocorre com ela após a morte?

Suponhamos que seja pura a alma que se separa do corpo: deste ela nada leva consigo, pela simples razão que, longe de ter mantido com ele durante a vida um contato voluntário, ela conseguiu, evitando-o, concentrar-se em si mesma e sobre si mesma, e também pela razão de que foi para esse resultado que ela tendeu. O que equivale exatamente a dizer que ela se ocupa, no bom sentido, com a Filosofia, e que, de fato, sem dificuldade se prepara para morrer. Poder-se-á dizer, pois, de tal conduta, que ela não é um exercício para a morte? – Sim realmente é isso – Ora, se tal é o seu estado, é para o que se lhe assemelha que ela se dirige, para o que é invisível, para o que é divino, imortal e sábio (PLATÃO, 1972, p. 90-92).

Platão esclarece desta forma, inicialmente, em que constitui a filosofia e em que intenção o filósofo “deseja morrer”, de que forma o filosofar constitui-se num aprender a morrer e a estar morto. A procura da sabedoria presume o refúgio da alma em si mesma, atividade semelhante ao da desagregação entre corpo e alma em consequência da morte.

Nas narrativas de “Fédon”, pode-se encontrar a explicativa de Sócrates para sua aceitação da cicuta: “é sua ideia da imortalidade da alma que serve de fundamentação a seu conformismo e, desde que cumpra e acate a lei, poderá gozar no pós-morte a compensação aos bem-aventurados” (PLATÃO, 1972, p. 93). Dessa

maneira, se também o imortal é inextinguível, a alma não pode ser extinta quando a morte se acerca.

Em consequência do que dissemos a alma nem aceitará a morte, nem ficará morta, da mesma forma como - de conformidade com nossas precedentes explanações - nem o três será par, nem o ímpar será par, nem o fogo será frio, nem o calor no fogo será frio, e assim por diante. - Portanto, meu caro Cebes, a alma é antes de tudo uma coisa imortal e indestrutível, e nossas almas de fato não de persistir no Hades (PLATÃO, 1972, p. 119-120).

Admitindo-se, opostamente, que o indivíduo não tome precauções, e que não queira necessariamente viver de acordo com o que foi falado pelo filósofo, diz Críton: “então quaisquer que possam ser hoje o número e a força de vossas promessas, nada tereis adiantado! - Poremos todo nosso coração, naturalmente - em conduzir-nos dessa forma” (PLATÃO, 1972, p. 118).

E finalmente, Sócrates determina o vínculo entre a execução do dever moral, a apreciação ética da sujeição e o ressarcimento devido no futuro pós-morte: daí seu impassível acatamento da cicuta. É na resposta que deu a Críton, que lhe questionou o que deveria fazer com seu corpo após sua morte, que Sócrates determinou finalmente este vínculo. Sócrates disse a seus discípulos, entre os quais estava Críton:

- Não há meio, meus amigos de convencer Críton de que o que sou é este Sócrates que se acha presentemente conversando convosco e que regula a ordem de cada um de seus argumentos! Muito ao contrário, está persuadido de que sou aquele outro Sócrates cujo cadáver estará daqui a pouco diante de seus olhos; ei-lo a perguntar como deve me enterrar! E quanto ao que desde há muito venho repetindo - que depois de tomar o veneno não estarei mais junto de vós, mas me encaminharei para a felicidade que deve ser dos bem-aventurados (PLATÃO, 1972, p. 129).

Isso Sócrates achava que consistiam em simples consolações que dava a Críton e a ele próprio: “- Sede, pois, meus fiadores junto a Críton, garantindo-lhe o contrário daquilo que ele afiançou aos juízes. Ele jurou que eu ficaria no meio de vós; vós, porém, afirmai-lhe que não ficarei entre vós quando morrer, mas que partirei, que me irei embora! ” (PLATÃO, 1972, p. 130). Esta seria a única maneira de fazer com que este sofrimento seja mais aceitável por Críton, o modo de impedir que, observando queimar ou enterrar o corpo de Sócrates, se abale e pense que o mesmo está sentindo fortes dores, e que durante os funerais diga que está exibindo Sócrates, levando-o à sepultura e enterrando-o.

Para Marinho Neto (2003):

A Alma, assim tenta provar Platão no diálogo, seria um ser imortal, detentor de inteligência e movimento. É esta afirmação: ser a alma um ente imortal, é que dá a Sócrates no Fédon conforto no momento da morte, pois, lhe é acenado, pelo logos, a possibilidade de uma existência bem aventurada no pós vida. Porém, isto será disponível apenas para a alma que, até o fim do tempo do corpo, foi pura e temperante e que persistiu no caminho da Virtude e da Bondade, o que, para Sócrates, é a prática da filosofia. A alma que buscou a contemplação da Virtude em si (MARINHO NETO, 2003, p.23-24).

A justificativa vem comprovar a existência de uma alma imortal, não convindo, porém, como evidência de que a alma continuou racional, isto é, se esta alma imortal é singular e individual, diz somente que a morte substitui a vida e, a vida substitui a morte. A justificativa vem depois de uma descrição prévia que conduziu os filósofos ao cárcere onde estava Sócrates e apresenta uma variedade de questionamentos relacionados a compreensão da morte e as decorrências do pós-morte.

Para o sentenciado Sócrates, o corpo é a prisão da alma, visto que esta é contrária a matéria, mas, é neste denso corpo que a alma habita, inevitavelmente, no instante em que a denominasse de vida. A alma que requer libertar-se.

E, quem mais vigorosamente almeja a liberdade da alma são, segundo Sócrates, os Filósofos. Estes, mais do que qualquer um, são os que em vida preconizam o desprendimento das coisas do corpo, e separam pretensões materiais. A alma destes almeja libertar-se por compreender que a conquista total do saber somente acontece quando a alma é libertada.

METODOLOGIA

No que se refere aos seus procedimentos práticos, este artigo é um estudo de natureza bibliográfica acerca da temática Platão e a imortalidade da alma que visa alcançar os objetivos propostos.

A pesquisa foi realizada por meio de leitura sistemática e produção de fichamentos, a partir de livros, sites, artigos e fontes eletrônicas que abordam o tema proposto.

A pesquisa bibliográfica é uma fase elementar em todo trabalho científico que sugestionará todas as fases de uma pesquisa, no momento em que der o suporte

teórico em que se fundamentará o trabalho. Constituem-se na procura, escolha, fichamento e organização de dados referentes à pesquisa. Nesta esfera englobam-se essencialmente as pesquisas exploratórias, descritivas e as que dizem respeito a ideologias ou análise de vários lados de um problema.

A pesquisa bibliográfica tem com sua fonte livros e periódicos científicos, devendo compreender o universo de trabalho teórico desenvolvido em diversos campos, tais como: da antropologia, sociologia e da filosofia entre outras áreas das ciências. Uma boa investigação científica requer um arcabouço teórico que só pode ser obtido em uma bibliografia composta de obras de referência e de trabalhos recentes sobre a matéria. As referências deverão estar disponíveis em catálogos, que contemplam tanto as obras que se encontram à disposição, quanto as que pertencem a um conjunto de outros acervos. As pesquisas de material podem ainda ser feitas em bases internacionais e nacionais, de periódicos e de teses, nas quais se obtêm não apenas as referências, mas também, em muitos casos, o texto na sua íntegra (SANTOS, 2002, p. 123).

Construiu-se no decorrer da pesquisa um referencial teórico baseado em estudiosos que objetivam desenvolver elementos teóricos conceituais, retirados de pesquisa bibliográfica de maneira organizada e, considerando a atual diversidade de oportunidades, além de certas maneiras de acesso a disposição dos pesquisadores, que acabam constituindo a revisão da literatura.

Como referencial teórico utilizou-se obras do autor Marinho Neto (2003), Pessanha (1994), Platão (1972), Reale (1993), Simões (2015) e Voltaire (1972).

Este artigo busca também ampliar o conhecimento proposto de forma a contribuir para que algumas indagações, dúvidas e curiosidades sobre o tema sejam elucidadas de forma sistemática pautada na construção do conhecimento filosófico e científico.

Cabe ao filósofo se desprender das amarras da caverna e ir de encontro ao conhecimento, na busca incessante do espanto, da procura e da reflexão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se ao término desse trabalho que não se pode desconsiderar o legado de Platão se há a vontade verdadeira de estudar filosofia e, especialmente, estudar o que se compreende como sendo metafísica platônica. Assim ao ser apresentado a Platão, por meio do “Fédon”, percebe-se que se está frente de uma

obra de grande perfeição da literatura filosófica. Platão neste diálogo expõe toda a sua inteligência de explicação dialética.

Para Platão o indivíduo era separado em corpo e alma. O corpo consiste na matéria e a alma o imaterial e o divino que o indivíduo tinha. O corpo sempre está em permanente alteração de imagem e forma. A alma não modifica nunca, desde que nasce o indivíduo possui a alma impecável, mas não sabe. As verdades essenciais estão registradas na alma perduravelmente, mas ao nascer se esquece, visto que a alma é prisioneira do corpo.

Platão considerava que a alma após a morte reencarnava em outro corpo, porém a alma que envolvia com a filosofia e com o Bem, era favorecida com a morte do corpo. A ela era oferecida a oportunidade de passar o resto de seu tempo convivendo com os deuses. O conhecimento da alma é que dá razão à vida. Tudo foi formulado pelo Demiurgo (seu criador), um admirável artesão que construiu o mundo verdadeiro e sua expressão. A ação do indivíduo se limita ao mundo material; no mundo das ideias o indivíduo não pode modificar nada. Visto que se é ideal não pode ser mais ideal como se fosse somente algo material que os acompanha.

No “Fédon”, Platão por meio de Sócrates faz pressupostos em uma discussão com a intenção de levar os ouvintes a acatar como admissível o pressuposto que garante ser a alma um ser imortal e que a mesma continua racional depois do término da dualidade corpo e alma. Sócrates, contudo, destaca a Teoria dos Contrários trazendo o indício que os contrários (vida/morte) não incluem, pois, a morte é o oposto da vida.

O procedimento que vai do nascer ao morrer possui duas demarcações específicas: a vida, que se origina da morte, e a morte que vem da vida. Entre esses dois momentos distintos (vida/morte) encontra-se um período (viver), onde um ser maravilhoso e eterno (a alma) compartilha realidade com um ser corrompível e destinado à exterminação (o corpo). Sócrates alegava que o dever do Filósofo é pensar sobre a morte e a vida como tempos contrários e excludentes e, realizadas as associações, atingir como produto o indício (primeiro) da imortalidade da alma, uma realidade que precede, excede e percorre o viver.

O “Fédon” foi historicamente relacionado ao grupo de Diálogos associados ao tema da morte de Sócrates, por esta razão era posto junto ao Êutifron, Apologia de Sócrates e Críton, e foram reunidos na primeira tetralogia, conforme a organização

de Tasilio, pela intenção geral que é eternizar a memória, promovendo também a proteção, de Sócrates. Atualmente sabe-se que o “Fédon” foi redigido aproximadamente a 335/388 a.C., se incluindo nos diálogos da época média, junto com o Banquete, A República e Fedro, no momento em que Platão tinha adequado totalmente as suas concepções filosóficas, sendo redigido logo depois da primeira viagem à Sicília, lugar para o qual Platão ido na intenção de conhecer a comunidade Pitagórica que morava lá em Siracusa. Platão no “Fédon” compôs poesia, literatura e filosofia.

Existem pessoas que se sensibilizam ao saber que o Diálogo se fundamenta em um acontecimento verdadeiro: o dia da morte de Sócrates; e não enxergam a nobreza do protagonista, a sua bravura, e poder de arguição, que, sabe-se, exatamente que se adapta a finalidade filosófica platônica: defender a Teoria das Formas, frente a um futuro, não almejado, porém, não ignorado, que nada mais consiste que a própria morte.

O modo de pensar mostrado por Platão que vai da apresentação do problema, onde existe o questionamento a respeito do que vem depois da morte, e as investidas em descobrir esta questão; usando sempre o que se estipulou a denominar de lógos, isto é, procurando, pelo menos, distanciar o sugestionamento ao credo e discriminação, até ao seu término, quando Platão expõe o que seria a sua resposta a questão, confirmando a sua Teoria das Formas.

REFERÊNCIAS

MARINHO NETO, Djalma Aranha. **Argumentos Sobre a Imortalidade da Alma no Fédon de Platão**. 107f. Dissertação Mestrado em Filosofia-Metafísica - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16524/1/DjalmaAMN.pdf>>. Acesso em: 06/set. /16.

PESSANHA, J. A. **Platão e as ideias**. Curso de filosofia. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

PLATÃO. **Os Diálogos: O Banquete, Fédon, Sofista, Politico (Coleção Os Pensadores)**. São Paulo. Abril. 1972. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/busca?q=Di%C3%A1logos%20F%C3%A9don>> Acesso em: 05/set. /16.

REALE, G. **História da filosofia antiga: Platão e Aristóteles**, 1993. p. 61-82.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SIMÕES, Mauro Cardoso. **Os caminhos da reflexão metafísica**: fundamentação e crítica. Curitiba. Intersaberes, 2015.

VOLTAIRE. **Contos**. Trad. Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1972.